

PRÁTICAS RELIGIOSAS E FESTIVAS NAS ESCOLAS DE SAMBA DE SÃO PAULO: UM ESTUDO SOBRE O CANDOMBLÉ NA VAI-VAI

RELIGIOUS AND FESTIVE PRACTICES IN THE SÃO PAULO SAMBA SCHOOLS; A CANDOMBLÉ STUDY AT VAI-VAI

Claudia Regina Alexandre¹

Resumo

Este artigo aborda um aspecto do carnaval brasileiro, a partir de uma nova narrativa, que mostra uma forma particular e complexa de ligação entre o samba e as religiões afro-brasileiras. O texto toma como modelo práticas do Candomblé dentro da Escola de Samba Vai-Vai, que desde 1930, é reconhecida como a agremiação mais negra do carnaval da cidade de São Paulo. A rotina do grupo alterna as atividades para o carnaval com a realização de rituais para os orixás Exu e Ogum, seguindo a tradição de matriz africana. Uma relação que tem garantido o ambiente comunitário de sociabilidade, identidade e resistência, característico da constituição das escolas de samba, porém pouco explorado nos estudos dessas manifestações negras. A ideia é mostrar como realidades aparentemente desconexas garantem a permanência de traços ancestrais e similaridades em possíveis formas de se relacionar com o mundo, seja no campo material ou simbólico.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras, escola de samba, Candomblé.

Abstract

This paper approach aspect of Brazilian Carnival, from a new narrative, aiming to present a particular and complex form of linking samba and Afro-Brazilian religions. The text has Candomblé practices within Samba School Vai-Vai as an example, once it is known since 1930 as the most black affiliation in São Paulo city's Carnival. The group's routine alternates Carnival activities with religious rituals dedicated to the orishas Exu and Ogum, following African matrix traditions. This relation has assured a communitarian environment of sociability, identity and resistance, very much characteristic on the constitution of samba schools, though very little explored by the Black manifestation's studies. The idea is to show how apparently disconnected realities assure the continuance of the ancestral traces and similarities in possible forms of relationship with the world, either in material or symbolic camp.

Keywords: Afro-brazilian religions, samba school, Candomblé.

1) Introdução

Distante do que difunde as telas da televisão, marcando o imaginário do espectador com cenas repletas de cores, brilhos e fantasias, este artigo pretende abordar um aspecto do

¹ Jornalista, Especialista, Mestre e Doutoranda em Ciência da Religião (PUC-SP).
Claudiaalexandre.jornalista@gmail.com

carnaval brasileiro com uma nova narrativa sobre as religiões afro-brasileiras, mostrando uma forma particular e complexa de ligação entre o samba e a religiosidade. Uma relação que tem garantido o ambiente comunitário de sociabilidade, identidade e resistência, característico da constituição das escolas de samba, porém pouco explorado pelos estudos dessas manifestações negras. A ideia é mostrar como realidades aparentemente desconexas garantem a permanência de traços ancestrais e similaridades em possíveis formas de se relacionar com o mundo, seja no campo material ou simbólico.

Devido à falta de estudos sobre este tema específico adotamos uma perspectiva interdisciplinar, acessando conteúdos que ajudam a repensar sobre a relação entre manifestações da cultura afro-brasileira e afro-religiosidade e a relação samba-religião no campo das escolas de samba, priorizando como localidade a cidade de São Paulo. A origem das agremiações carnavalescas da capital paulista está diretamente ligada a formas de resistência do elemento negro, que com suas manifestações e expressões culturais e religiosas marcaram a formação da sociedade brasileira.

Um exemplo está no surgimento da Escola de Samba Vai-Vai, fundada na década de 1930, por um grupo de negros do bairro da Bela Vista, conhecido como Bexiga. Sua constituição remete aos antigos batuques em festas católicas no interior do Estado de São Paulo, à formação dos antigos cordões carnavalescos e, por fim, às primeiras escolas de samba da cidade. A Vai-Vai se mantém como um território negro de samba e de religião, onde orixás são cultuados e regem uma forma particular de relação com o Candomblé, marcando a própria história do carnaval brasileiro.

As primeiras escolas de samba no Brasil também surgiram na década de 1930, no Rio de Janeiro, a cidade que a partir do final do século XIX se tornou referência na forma de brincar o carnaval com a participação do elemento negro nas ruas em festas católicas, organizando ranchos e depois as escolas de samba. Época em que capoeira, samba e práticas afro-religiosas sofriam perseguições da igreja, da imprensa e da polícia.

Sobre a origem do nome escola de samba poderiam ser as rodas-escolas, em que se esbanjavam golpes de capoeira, mas também entre os sambistas se reproduzem outras versões para esse marco. A primeira seria do lendário sambista Ismael Silva, que dizia ter sido ele próprio o inventor desse tipo de manifestação. A outra teria sido inspirada por um grito de guerra de exercício militar. “[...] Este (Ismael Silva) junto com alguns amigos do morro do Estácio, teriam se reunido para organizar uma agremiação, chamada Deixa Falar, que assim como os ranchos, pudesse ser aceita pela sociedade” (FERREIRA, 2004, p.339). Em uma entrevista ao jornalista Sérgio Cabral para o Jornal do Brasil, o próprio Ismael Silva sustentou sua versão para a origem do nome (CABRAL, 1996, p. 239-245).

E quem sugeriu o nome *escola de samba*? ISMAEL - Fui eu. É capaz de você encontrar quem diga o contrário. Mas fui eu, por causa da escola normal que havia no Estácio. A gente falava assim: É daqui que saem os professores. Havia aquela disputa com Mangueira, Osvaldo Cruz, Salgueiro, cada um querendo ser melhor. E o pessoal do Estácio dizia: “Deixa Falar, é daqui que saem os professores”. Daí é que veio a ideia de dar o nome de escola de samba. O prédio onde era a escola normal ainda continua lá, n esquina da Rua Joaquim Palhares com a Rua Machado Coelho. Agora é uma escola primária (CABRAL, 1996, p. 241).

Outro dado que marca o surgimento das escolas de samba é a participação das “tias baianas”, que chegaram ao Rio de Janeiro no início do século XIX e se tornaram as grandes protetoras do movimento festivo dos negros e pobres da Praça Onze. Eram geralmente mães-de-santo que abençoavam os desfiles de ranchos e patrocinavam rodas de samba que eram realizadas ao final de cultos religiosos, as chamadas macumbas cariocas. A casa mais famosa, onde misturavam samba, comida e candomblé era a de Tia Ciata (como era conhecida Hilária Batista de Almeida, 1854-1926).

A socióloga Olga Rodrigues de Moraes VON SIMSON em seu livro *Branços e Negros no Carnaval Paulistano (1914-1988)* analisou as atividades festivas tanto profanas como religiosas na capital paulista, com especial destaque para as transformações dos folguedos e formação dos cordões carnavalescos. A autora mostra os desfiles do carnaval sob a ótica do negro sambista, entrevistando personagens que descrevem a formação das escolas de samba, entre eles Dionísio Barbosa, fundador do primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo (1914), o Grupo Carnavalesco Barra Funda; Geraldo Filme, herdeiro do Paulistano da Glória e compositor da Vai-Vai, que participou politicamente da história do samba de São Paulo e de Alberto Alves, o Seo Nenê, fundador da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde.

Todos sambistas que frequentavam a Festa do Bom Jesus de Pirapora, no interior paulista, que até a década de 1930 povoava os barracões onde negros faziam batuques misturando reza, samba e comilança. Um movimento que deu início ao samba rural, samba de bumbo ou samba paulista, que influenciou a formação dos cordões e depois das escolas de samba da Capital.

2) Manifestações da cultura afro-brasileira e a afro-religiosidade

Para PEREIRA (2004) o diálogo samba-religião comprova como sagrado e profano se mantém no território das escolas de samba, reforçando como as práticas sociais que se manifestam no carnaval exigem uma perspectiva mais densa. Ele traz como exemplo, fragmentos de um desfile onde a passista dançaria mais para si do que para o público; o

músico que, sem se importar com a dor, mancha de sangue o instrumento que toca e um folião que faz o sinal-da-cruz, antes do início do desfile. Todos estariam ali cumprindo uma missão de alegria e sacrifício. “Nesses momentos de intimidade em meio à multidão, o Sagrado atravessa com seus enigmas o coração das pessoas. E o carnaval, já não é somente espetáculo, mas rito, tempo e lugar de questionamento de nossas experiências e ponte entre diferentes realidades culturais” (PEREIRA, 2004, p. 47).

[...] a complexidade do sagrado obriga-nos a analisar as implicações decorrentes do modo como ele é vivido e das múltiplas faces que assume na sociedade. Ou seja, o sagrado está presente nos círculos sociais vinculados à experiência religiosa, mas nem por isso deixa de transcender esses círculos para instaurar-se noutras esferas em que dialoga de maneira complexa com o profano (PEREIRA, 2004, p.44).

O que significa que podemos observar em território brasileiro outras manifestações e expressões culturais negras que demonstram essa complexa relação. Em um estudo sobre práticas peculiares dos cultos afros em um terreiro no Maranhão, Sérgio FERRETTI (2007, p.3) mostrou que muitas festas populares estão intimamente ligadas ao universo simbólico das tradições africanas. O autor, que presenciou festas da cultura local, como bumba-meu-boi, tambor de crioula e festa do Divino, oferecidas a determinadas entidades cultuadas em casas do Tambor de Mina (Casas das Minas), afirma ser muito sutil o limite entre a reação e o estado religioso.

As festas religiosas constituem componente importante das religiões populares, em que o sincretismo se encontra intimamente relacionado. O sincretismo nas festas dos terreiros pode ser visto como paralelismo entre rituais de origem africana e do catolicismo popular, paralelismo de ideias e valores que estão próximos, mas não se misturam nem se confundem. [...] o sincretismo encontra-se presente na religião e na cultura popular, embora tenha sido mais observado e estudado nas religiões populares (FERRETTI, 2007, p. 3).

Em *Os tambores estão frios* (2005), Edmilson de Almeida PEREIRA descreve relações entre a cultura afro-brasileira e religiosidade católica, propondo uma revisão na forma como o elemento africano foi inserido em nossa sociedade. Estudando o Candombe, ritual afro-brasileiro que ocorre na região de Minas Gerais, ele demonstrou que essa resistência tem implicações no processo de construção das identidades afro-brasileiras.

Para o autor, do período escravista à sociedade brasileira moderna, as religiões e culturas afro-brasileiras seriam resultado da reelaboração de matrizes africanas em situações histórico-sociais desiguais do elemento negro e da tentativa de superação dessa situação. Uma atitude que o autor chama de crítica à opressão social, ou seja, a resistência pelo sagrado. “[...] onde os atores afrodescendentes negociam os seus papéis e os seus espaços de atuação. A

linguagem religiosa foi um dos elementos que as populações negras empregaram para mapear as representações de si mesmas e da sociedade brasileira” (PEREIRA, 2005, p. 21).

Retomamos ao ambiente das escolas de samba, para compreendê-las como modelo que nos ajude a defender que a relação que mantém com as religiões afro-brasileiras se apoia na arte da memória negra na memória coletiva e na evocação constante da ancestralidade (ANTONACCI, 2013).

Ainda que sofrendo múltiplas, contínuas expulsões, exílios, andanças; arrancados de suas terras e expropriados de suas benfeitorias, grupos populares afro-brasileiros rearticulam-se incontáveis vezes, transitando em memórias, linguagens, comunicações entre suas tradições e as tecnologias ocidentais. (ANTONACCI, 2013 p. 325)

3) Rituais profanos e fundamentos das escolas de samba

Antes de apontarmos que as práticas rituais de Candomblé ocorrem de forma singular, no terreiro de samba da Vai-Vai chamamos a atenção para os rituais profanos e obrigatórios que ocorrem no interior das agremiações, que não são percebidos na sua totalidade. Algumas cerimônias, carregadas de sincretismo e com várias semelhanças com ritos afro-religiosos, são exigidas para qualquer agremiação que se apresente como uma escola de samba.

Escola de samba, bandeira (pavilhão), alas e sambistas nascem pagãos e devem ser batizados. O pavilhão, símbolo maior para o grupo também exige máximo respeito, tanto da porta (porta-bandeira ou porta-estandarte) quanto de quem estiver diante dele.

Para pertencer a uma comunidade de escola de samba é necessário antes de tudo, e sempre que estiver no terreiro de samba, o cumprimento de algumas regras sociais e internas, regidas por alguns ritos. O principal² deles é beijar a bandeira, o pavilhão da escola, ao entrar na quadra de ensaios, ou ao avistá-la, em algum evento. Se o casal de porta-bandeira e mestresala se aproximar de alguém e oferecer a bandeira, seria um desrespeito não se curvar e levá-la levemente aos lábios (sem beijá-la), como sinal de máximo respeito. Os rituais profanos não seguem padrões doutrinários de nenhuma religião, mas são portadores, em sua profundidade desfragmentada, de uma conotação religiosa. Segundo VILHENA (2005, p. 34) estes tipos de rituais guardam aspectos também específicos e comuns:

[...] regularidade, ordem, sequência das ações, regras e, conseqüentemente, controle social, comportamentos previstos, criação e transcendência de um tempo com quebra

² Reinaldo da Silva SOARES (199, p. 59 e 100) fala ainda de outros rituais que fazem parte do universo das escolas de samba, como os ritos de iniciação na bateria e na ala de compositores, além dos eventos para a escolha do samba-enredo para o carnaval.

da cotidianidade, sistemas simbólicos, adesão e valores, sentimentos profundos de pertença, amores, paixões, rivalidade, corpos em ação, construção de significados, intencionalidades, compromissos, recriação periódica do tônus social e relacional, reunião de pessoas e grupos, delegação de funções e papéis, criatividade, imaginação, protagonismos teatralizados, comunicação, mensagens, tensões, efervescências, trocas, exaltação, celebração, dimensão sacral. Não nos esqueçamos da dialética entre os olhares de fora e a partir de dentro da vivência ritual (VILHENA, 2005, 34).

O nascimento de uma agremiação carnavalesca é um grande acontecimento para o mundo do samba. Mas só após o ritual do batismo, quando deixa de ser pagã, é que passa a ser respeitada. A Vai-Vai é batizada desde o tempo de cordão e tem, portanto, duas madrinhas. A madrinha do cordão Vai-Vai foi a Escola de Samba Império Serrano, do Rio de Janeiro; e da escola, é a Império do Samba, da cidade de Santos, litoral paulista, presidida na época por um sambista muito respeitado chamado Dráuzio da Cruz, que dá nome à passarela do samba da Baixada Santista.

Os rituais considerados fundamentos das escolas de samba, na prática, misturam símbolos católicos com os de rituais de Umbanda e Candomblé, que utiliza banho de ervas, defumação, benzimento do pavilhão com a presença das Alas de Baianas, geralmente com as mulheres que detêm cargos importantes em terreiros.

No batismo, o símbolo central da cerimônia, a razão de existir da escola, é o pavilhão (a bandeira), onde está gravada a data de fundação e a identidade da escola nas cores oficiais, aquela que marcará todos os outros materiais que representarão a comunidade, destacando-a em relação às outras coirmãs, principalmente nos desfiles, durante o concurso do carnaval. A partir da consagração, a escola passa a atender, entre outras, a exigência de manter alguns componentes, considerados fundamentais para a escola: Abre-alas, Baianas, Bateria, Comissão de Frente, Crianças, Velha-Guarda e Mestre-Sala e Porta-Bandeira, o casal guardião do pavilhão, a representação máxima da comunidade.

O pavilhão da Vai-Vai mantém os mesmos símbolos da época de cordão: a coroa e os ramos de café, o que remete ao significado de riqueza que a cultura cafeeira representou para a sociedade paulista, e a coroa por transferir para o negro o reinado de Momo em dias de carnaval. Mas na Vai-Vai, a relação com as festejos carnavalescos vai além da festa. A religiosidade do grupo marca o sentido de pertencimento e de ligação com a ancestralidade.

4) Exu e Ogum no território da Vai-Vai

Tomamos como modelo a Vai-Vai, uma escola de samba fundada por um grupo de negros em 1930 na cidade de São Paulo, porque ela surpreende ao inserir na rotina

carnavalesca práticas e símbolos associados às religiões de matriz africana, notadamente ao Candomblé. Suas atividades festivas se alternam entre um ativo calendário religioso e os cultos a dois orixás patronos – Exu e Ogum. A aproximação com o objeto de pesquisa se deu em 2012, após trabalharmos por quase 20 anos na cobertura jornalísticas dos desfiles das escolas de samba paulistanas, o que facilitou o acesso às práticas que ocorrem na agremiação desde a fundação, mas que não eram assumidas publicamente. As pesquisas resultaram em uma monografia e uma dissertação em que revelamos a construção de um sistema religioso que dá sentido uma tradição inventada (HOBSBAW & RANGER, 1984), para manter laços com a ancestralidade, o que ultrapassa o interesse único pelo resultado da competição (ALEXANDRE, 2017).

A sede da escola, também chamada pelos frequentadores de quadra de ensaios ou terreiro de samba, está situada no bairro do Bixiga, na região central da cidade. Lá concorrem no ambiente carnavalesco vários altares do universo afro-religioso, com imagens de santos católicos – São Jorge, Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e Damião e até Nossa Senhora Achiropita, a padroeira do bairro. São Jorge, Nossa Senhora e São Cosme e Damião são sincretizados com os orixás Ogum, Oxum e Ibeji, respectivamente. Há também um *quarto de santo*³ (ilê orixá), que é um reservado onde estão os assentamentos e os objetos sagrados dos orixás, assim como existem em terreiros de cultos afro-brasileiros.

Chama a atenção o fato de que em nenhuma outra escola de samba exista um sistema com tantos símbolos religiosos, altares com imagens de santos e objetos consagrados aos orixás. O local, em ocasiões específicas, é sacralizado e transformado em espaço metafísico (VILHENA, 2005).

A marca definitiva dessa relação é a possibilidade de se presenciar práticas rituais dentro do “terreiro de samba”: limpezas com banhos e ervas, oferendas, festas públicas dedicadas aos orixás, ao som de atabaques. Os rituais seguem a tradição do Candomblé, sendo os mais importantes a “Procissão e Feijoada de Ogum”, no mês de junho; e a “Festa de São Cosme e Damião”, no mês de outubro. Tudo está sob os cuidados de um sacerdote, o pai de santo (babalorixá) Francisco D’Oxum, que legitima a devoção da comunidade. Sem dúvida, uma vivência religiosa que amplia a relação entre religiões afro-brasileiras e as escolas de samba em São Paulo.

³ Os quartos-de-santo são cômodos reservados em terreiros de candomblé que costumam ter algo que distingue a que orixá eles pertencem. [...] pequenos quartos para “abrigar” os orixás, os *ilê orixá*. (OXAGUIÃ; KILEY, 2014, p. 42).

Exu e Ogum são considerados os regentes desse sistema religioso, mas não por acaso. São eles os orixás relacionados, respectivamente, com a festa, a rua e a guerra. Ogum é o dono do ferro, “guerreiro, vencedor das demandas e batalhas”. Em um dos mitos, ele é aquele que abre os caminhos, o conquistador de reinos; o que traz abundância, ensinando a caçar e a forjar o ferro. “Ogum é aquele a quem pertence tudo de criativo no mundo, aquele que tem uma casa onde todos podem entrar.”

Já Exu, aquele que exige o privilégio das primeiras homenagens, é o guardião-mensageiro, o dono das ruas, principalmente das encruzilhadas. (PRANDI, 2001, p. 99 e 82). Os dois são representados como orixás-irmãos, com possibilidade de dividir os territórios de domínio e compartilharem seus filhos e oferendas, suportando rituais em locais abertos ou fora dos muros de um terreiro de Candomblé, o que permitiria os cultos no terreiro de samba.

O Exu da Vai-Vai teve seu culto iniciado assim que a comunidade conquistou o terreno onde estão instalados, desde 1972. Na época a escola havia passado da condição de cordão carnavalesco para escola de samba. Os cordões marcaram a origem dessas manifestações na Capital⁴, tendo forte ligação com as festas religiosas de Bom Jesus de Pirapora. Uma página importante da história do carnaval negro paulista (VON SIMSON, 2007). A área escolhida para a construção da quadra é simbólica para o grupo, que acredita ter sido presente de Exu, o endereço entre as ruas Rua São Vicente, Rua Dr. Lourenço Granato e Rua Cardeal Leme. Uma encruzilhada em forma de tridente, local onde até hoje são realizadas as oferendas para o guardião. A encruzilhada é local de ensaio e de festas, atraindo uma multidão de pessoas, e por onde também passeia a imagem de Ogum em dia de procissão.

Segundo SILVA (2015, p. 50) o tridente é o símbolo mais usado na confecção de ferramentas de ferro (objeto sagrado) associado a Exu, na forma de um garfo de três pontas e de duas pontas, para a versão feminina, chamada de Pombagira. Objetos que até hoje, demonizam a divindade, que tem o falo (ogò) e o tridente (cetro) como os principais apetrechos rituais, lhe dando poderes para se movimentar com independência ou representando o guardião de um orixá.

Exu movimenta-se no tempo e no espaço rapidamente por meio do ogò que ele usa também para atrair objetos distantes (VERGER, 1999, p. 136). A encruzilhada, por ser encontro de dois caminhos, é um dos espaços preferenciais para a realização de suas

⁴ Sobre o histórico das escolas de samba, blocos e cordões carnavalescos na cidade de São Paulo ver VON SIMSON, Olga E. de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro*, 2007; BARONETTI, Bruno Sanches. *Transformações na Avenida*, 2015.

oferendas. [...] A ênfase mítica na simbologia do falo e da vagina parece ter sido reelaborada nas formas geométricas do tridente e dos lugares de oferenda, cujas linhas aludem ao corpo humano em sua diferenciação por gênero. [...] Os garfos de pontas triplas ou duplas, por serem sínteses das ideias de encontro, transição, passagem e sexualidade, se tornaram potentes símbolos transnacionais do orixá, vistos em seus pontos riscados e ferramentas (SILVA, 2015, p. 53).

Depois da precedência de Exu, o orixá Ogum é o que recebe as maiores honras da comunidade, com a disputada Procissão e Feijoada de Ogum. No mês de junho, o evento abre o calendário festivo e religioso da Escola de Samba e que coloca nas ruas a comunidade do samba para pedir proteção para as atividades de preparação para o próximo desfile. Afinal Ogum, que no sincretismo é São Jorge, é o que vai à frente e abre os caminhos. Propositalmente, a procissão é realizada no período em que a comunidade inicia o concurso para a escolha do samba-enredo que será apresentado no concurso de carnaval.

5) Considerações finais

A festa nos últimos anos tem ganhado vulto, muito pelo esforço do próprio presidente da escola, Neguitão, filho de Ogum e devoto do santo guerreiro. O cortejo é composto por componentes da escola, principalmente das Alas da Velha Guarda, Ala das Baianas, diretores e chefes de alas que comparecem massivamente, para receber integrantes de outras agremiações, com seus respectivos pavilhões, babalorixás e ialorixás, que acompanham a imagem do santo em procissão.

O grupo parte da quadra da escola, acompanhando a imagem que é carregada em um andor por membros da diretoria, ao ritmo da bateria, que embala os cânticos das mulheres vestidas de baianas. Seguindo pelas ruas do bairro, é tradição a parada em frente à Igreja Nossa Senhora Achiropita (Rua 13 de Maio), onde são recebidos pelo pároco que dá às bênçãos aos sambistas e aos pavilhões (bandeiras) das escolas participantes. Na sequência seguem para a Rua Marquês Leão, onde fica o terreiro do pai Francisco, que também abençoa a imagem e o cortejo, que retorna ao terreiro de samba para a realização do xirê, a festa de louvação ao Orixá Ogum, com toques de atabaques.

Depois de cumprir a parte religiosa, quando é servida a feijoada de Ogum, às 18 horas, tradicionalmente a diretoria revela para a comunidade o enredo que será desenvolvido para o próximo ano e assim a Ala de Compositores, composta pelos músicos da escola,

acompanhada pela bateria, garante a animação, da multidão que ocupa a rua, em um palco armado na encruzilhada, até por volta das 23 horas, quando a festa termina, no terreiro de samba da Vai-Vai.

Concluimos que para além da festa, da disputa do concurso e do colorido dos desfiles, o carnaval das escolas de samba se mantem em territórios negros como instrumento de resistência e de força identitária, assim como em outras manifestações e expressões da cultura afro-brasileira, de onde não se separam as linguagens simbólicas. Assim como na vivência da comunidade da Escola de Samba Vai-Vai com o Candomblé, preservando sua ligação com os orixás Exu e Ogum. Teríamos, por fim, a impossibilidade de apagamento da memória ancestral dessas manifestações culturais que resistem em um processo histórico-cultural adverso e seguem elaborando diferentes formas de permanência.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Claudia Regina. *Exu e Ogum no Terreiro de Samba: um estudo sobre a religiosidade da Escola de Samba Vai-Vai*. São Paulo, 2015. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. SP: Pontifícia Universidade Católica. PUC, 2017.

_____. *Religiões Afro-Brasileiras e Escolas de Samba de São Paulo – O Candomblé na Escola de Samba Vai-Vai*. Monografia (Pós-Graduação em Ciência da Religião). SP: Pontifícia Universidade Católica. PUC, 2015.

ANTONACCI, MARIA ANTONIETA, *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013.

BARONETTI, Bruno Sanches. *Transformações na Avenida: história das escolas de samba da cidade de São Paulo (1968-1996)*. São Paulo: Editora LiberArs, 2015.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.

FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Elos do Carnaval Celebração*. Diálogo – Revista de Ensino Religioso (p.44). São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Os tambores estão frios: Herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe*. Juiz de Fora: Funalfa Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: HUCITEC: USP, 1991.

_____. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Orixás da Metrópole*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995

_____. *Exu: “o guardião da casa do futuro”*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SILVA, Reinaldo. *O cotidiano de uma escola de samba paulistana: o caso da Vai-Vai*. FFLCH-USP, mestrado em Antropologia Social – dissertação defendida em São Paulo, 1999.

VILHENA, Maria Ângela. *Ritos: Expressões e Propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval popular paulistano – 1914-1988*. Campinas: Ed. Unicamp; Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.